

A fenomenologia de Merleau-Ponty: uma abordagem teórico-metodológica para as pesquisas em Educação em Ciências

Merleau-Ponty's phenomenology: a theoretical-methodological approach to research in Science Education

Maria Isabel da Costa Mar

Universidade do Estado do Amazonas
midcm.mca22@uea.edu.br

José Vicente de Souza Aguiar

Universidade do Estado do Amazonas
jvicente@uea.edu.br

Resumo

O objetivo desta pesquisa é compreender a fenomenologia de Merleau-Ponty como abordagem teórico-metodológica para as pesquisas em Educação em Ciências. O artigo é uma revisão bibliográfica e está organizado em três tópicos. No primeiro tópico abordamos a fenomenologia de Merleau-Ponty, o qual destaca as características dessa corrente de pensamento; no segundo tópico são desenvolvidos o conceito de percepção e de corporeidade – conceitos fundamentais para o filósofo e, por fim, no terceiro tópico tratamos sobre como essa abordagem teórico-metodológica pode contribuir com as pesquisas em educação em ciências. Sendo assim, o texto destaca a utilização da fenomenologia como busca das essências a partir de uma redução fenomenológica para irmos às coisas mesmas de modo a destacar o mundo vivido e não as representações.

Palavras-chave: fenomenologia, Merleau-Ponty, metodologia, método.

Abstract

The objective of this research is to understand Merleau-Ponty's phenomenology as a theoretical-methodological approach to research in Science Education. The article is a literature review and is organized into three topics. In the first topic we approach Merleau-Ponty's phenomenology, which highlights the characteristics of this current of thought; in the second topic, the concepts of perception and corporeality are developed – fundamental concepts for the philosopher and, finally, in the third topic, we deal with how this theoretical-methodological approach can contribute to research in science education. Therefore, the text highlights the use of phenomenology as a search for essences from a phenomenological reduction to go to the things themselves in order to highlight the lived world and not the representations.

Key words: phenomenology, Merleau-Ponty, methodology, method.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo compreender a fenomenologia de Merleau-Ponty como uma abordagem teórico-metodológica para as pesquisas em Educação em Ciências. A Fenomenologia abordada neste trabalho será a partir da obra Fenomenologia da Percepção (2018) de Merleau-Ponty.

A obra Fenomenologia da Percepção (2018) apresenta uma crítica ao intelectualismo e ao empirismo. Não apreendemos o mundo por meio das sensações entendidas como estímulo-resposta, já que ela não pode ser determinada; e tampouco por associação ou projeção de recordações, atenção ou juízo. Tanto o empirismo quanto intelectualismo acabaram objetivando e determinando as experiências por meio de representações.

As pesquisas em Educação em Ciências podem considerar a fenomenologia como método e metodologia, a partir da busca pela essência como processo e não como ponto de chegada. Para tanto, essa abordagem requer uma suspensão dos juízos para que as pesquisas não caiam na representação antecipada dos fenômenos, mas possam descrever o vivido como ele se apresenta para nós.

O primeiro tópico aborda a fenomenologia de Merleau-Ponty de modo a destacar conceitos que constituem seu pensamento. O segundo, a percepção e o corpo, ao mesmo tempo que afirma ser por ela o nosso contato originário com mundo; e o corpo na sua corporeidade é a expressão na sua totalidade por meio das experiências que intencionalmente se move.

Por fim, o terceiro tópico traz uma breve relação da fenomenologia para a realização das pesquisas em educação em ciências que visa contribuir com a ideia da não representação, mas da aproximação do real, do vivido, de modo que as pesquisas considerem a corporalidade na sua totalidade e na imanência.

A fenomenologia de Merleau-Ponty

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) foi um filósofo francês, considerado um fenomenólogo existencialista, que trata a percepção como primeiro contato com o mundo. Assim, a partir da percepção do corpo experienciamos as coisas que se apresentam a nós. Foi um dos principais filósofos da França no século XX, e conduziu a fenomenologia a partir da consciência do corpo.

Ele expandiu a concepção originária de Husserl (1859-1938), filósofo alemão, que apresentou a ideia de que a consciência é sempre consciência de algo, de modo que seria impossível nós não pensarmos em nada. A filosofia de Husserl seria uma filosofia da consciência que busca demonstrar que existe um ser que sempre representa a consciência de algo.

De acordo com a fenomenologia de Husserl “a consciência funda sentido como compreensão de algo que é (sentido do ser), através da intencionalidade, ou seja, através de sua orientação intencional para encher o vazio” (ZILLES, 2007, p. 218). Dessa forma, para Husserl era somente a consciência da mente que tinha intencionalidade. No entanto, Merleau-Ponty em sua obra mostra que o nosso corpo também tem intencionalidade, não só a mente.

A consciência para Merleau-Ponty não é transparente a si mesma, mas contaminada pelo engajamento no mundo, engajamento que só é possível, em última instância, pelo corpo na relação com o outro. Aqui é marcante a questão da atitude fenomenológica, a empatia, os hábitos corporais, a espacialidade do corpo no mundo cujo esquema corporal ultrapassa o organismo para se adensar na motricidade, na linguagem, na sexualidade e na historicidade.

(NÓBREGA, 2016, p. 27)

Trata-se de uma junção de corpo-mente que têm ações simultâneas. É justamente o todo que se dirige ao mundo, que estabelece uma relação com ele e nele. Para Merleau-Ponty (2018) a percepção não seria nem uma pura sensação e nem um julgamento, mas a experiência de nos dirigirmos ao mundo mediada pelo corpo, ou seja, é pela corporeidade que estabelecemos relações com o mundo.

No prefácio da obra *Fenomenologia da Percepção*, o autor discorre sobre o que é a Fenomenologia, o que estuda.

A fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segunda ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. [...] a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 1)

O filósofo afirma que a fenomenologia nos propõe, primeiramente, descrever sem tomar como ponto de partida as análises e explicações já concebidas sobre o fenômeno. É preciso retornar as coisas mesmas (MERLEAU-PONTY, 2018). Sendo assim, não podemos tomar como dado pronto e acabado o que não foi observado no real.

Pesquisar a partir da fenomenologia é suspender os juízos e preconceitos a respeito do fenômeno a ser observado. Dessa forma “[...] se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 3).

A suspensão dos juízos consiste num convite para reconhecermos a necessidade de não deixar que os nossos valores, sobretudo do campo da moral, aquele que conduz a vida para o que “deve ser”, não interpele e interfira no conhecimento dos fenômenos do mundo da vida.

Logo, a ciência determina o mundo e o explica pelas representações. Porém, a fenomenologia nos desafia a não determinar as coisas, ao invés, explicar como elas são pelo vivido. Conforme Merleau-Ponty (2018, p. 4) “[...] antes de tudo um mundo se dispõe em torno de mim e começa a existir para mim”.

Na fenomenologia, “buscar a essência do mundo [...] é buscar aquilo que de fato ele é antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 13). Dessa forma, não podemos afirmar o que é o mundo por meio de um conceito fechado e que apenas observou, descreveu e tematizou um momento e o tomou como sendo aplicável ao todo.

Para Merleau-Ponty (2018, p. 14), “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo, eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”. Por isso, que não cabe na fenomenologia um enquadramento do que vem a ser as coisas sem antes as tê-la experienciado. Diante da fenomenologia de Merleau-Ponty reaprendemos a ver o mundo por meio de uma experiência vivida do real.

O ensino de ciências precisa ultrapassar as representações que os estudantes encontram nos livros didáticos, por exemplo o tema sobre a poluição dos igarapés, ao lermos nos livros encontraremos discussões sobre a preservação deste lugar.

No entanto, seria interessante ouvir os relatos dos estudantes que moram próximo a igarapés poluídos, de modo que pudessem retratar como essa poluição chega até eles pelas experiências

do ouvir, do sentir e do ver. Antes de tematizar, ir ao lugar, observar a realidade em que os estudantes moram, ou famílias que vivem em meio a sua realidade social.

A intencionalidade foi a descoberta principal da fenomenologia e somente compreendida pela redução fenomenológica. Husserl discorre acerca de uma intencionalidade operante “[...] que forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente do que no conhecimento objetivo” (MERLEAU, PONTY, 2018, p. 16). O corpo tem uma intencionalidade que se traduz na ação de se dirigir ao mundo antes de qualquer tematização.

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de uma nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 18)

Essa reflexão nos mostra a fenomenologia como um método, uma metodologia que considera o ser imanente, o ser que experiencia, o ser que existe no mundo, com o mundo e estabelece relações com o outro se constituindo a todo momento; não é fechada e estanque no tempo. Ela é inacabada.

Ao final do prefácio, Merleau-Ponty (2018, p. 20) afirma que a fenomenologia é “laboriosa [...] pela vontade de apreender o sentido do mundo ou da história em estado nascente”. Dessa forma, a fenomenologia nos faz perceber o real, o vivido que não se eterniza, mas a todo instante se envolve em experiências.

A percepção e a corporeidade

Abordamos neste tópico um breve conceito sobre a percepção e a corporeidade, conceitos importantes para a fenomenologia de Merleau-Ponty. A percepção antes era somente entendida como uma sensação de estímulo-resposta e também como um instrumento de aquisição do conhecimento. Esses dois entendimentos partem do intelectualismo e do empirismo.

É justamente em René Descartes (1596-1650), pela defesa da ideia do Cogito que será considerada a mente superior e o corpo inferior. No entanto, Merleau-Ponty (2018) defende a ideia da integração corpo-mente, quando descarta a possibilidade de se ter apenas uma experiência cognitiva ou apenas uma experiência motora, já que ambas as experiências se dão simultaneamente. Desse modo, para compreender a ideia de corporeidade em Merleau-Ponty se faz necessário nos debruçarmos um pouco sobre a percepção.

“A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 6). A percepção não é predicativa. Ela se revela na experiência do ser no mundo, na facticidade.

Os estudantes ao terem contato com o real, com o vivido, podem aguçar muito mais seus sentidos. Na escola, devido a tantas regras para serem seguidas, o corpo fica limitado a experiências estáticas. O conhecer nos chega pela experiência de perceber as coisas não só pelo olhar, mas pelo ver com as mãos, ou seja, pelo corpo vivido e experienciado.

A criança pode aprender muito mais quando está envolvida em experiências que possibilitam a relação com o real. A criança ao desenhar uma folha no papel demonstra seu contato com o

mundo vivido, ela imagina a folha que viu no quintal de casa, recorda da aceroleira, e desenha no centro do papel a folha bem pequena, meio arredondada, e resolve pintar em dois tons de verde, de modo que possa se aproximar do tom de verde que ela viu, como também destaca que essa folha desenhada foi arrancada da árvore, pois se tivesse caído sozinha, estava marrom e não verde. Esse exemplo nos mostra a diferença entre o desenho a partir do mundo vivido e o desenho a partir da representação, que não estabelece relações com o real. Percebemos também, o conceito de temporalidade, pois a criança demonstra saber que para a folha cair sozinha, precisa passar por etapas, ficar amarelada e depois marrom, até se desprender do ramo. Dessa forma, reiteramos a importância de se considerar as experiências das crianças no mundo vivido para o ensino de ciências.

Outro exemplo é quando uma criança escreve sobre o calor, não pelo conceito de quente, de clima, de tempo, mas pelo calor sentido no corpo, e comenta sobre ter que tomar banho ou beber água em função da intensa transpiração do seu corpo. Sem dominar o conceito de zonas de calor, a criança sente o desconforto término, e se questiona o porquê de tanto calor? Por que quando chove não faz frio e faz mais calor? Teríamos respostas científicas para todas essas indagações e que contribuem com o ensino de ciências sem partir primeiramente da representação, mas da experiência do mundo vivido.

A representação que chega até nós, pelos livros didáticos não dá conta da realidade e propor atividades em que a criança possa fazer relação com o mundo pela percepção é ensiná-la a ver o mundo a partir de outro olhar. Dessa forma, reaprendemos a ver o mundo, pois agora nos propomos sentir a vida a partir da vida.

Conforme Merleau-Ponty (2018), a percepção se dá na imanência e não nas inúmeras experimentações de impressões que nos fariam recordar. A experiência do vivido jamais será a experiência de uma representação. Assim se nos propusemos a observar as coisas e senti-las sem determinações antes concebidas veríamos, de fato, o espetáculo da percepção.

A introdução da obra Fenomenologia da Percepção tem como título “Os prejuízos clássicos e o retorno aos fenômenos” e discorre acerca da sensação que não pode ser determinada como o empirismo queria; ela não é um objeto. É mais um valor expressivo do que uma significação lógica (MERLEAU-PONTY, 2018).

Em relação a associação e projeção das recordações o filósofo francês afirma que “perceber não é experimentar um sem-número de impressões que trariam consigo recordações capazes de completá-las; é ver jorrar de uma constelação de dados um sentido imanente sem o qual nenhum apelo às recordações seria possível” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 47).

A atenção nos ajuda a descobrir coisas não percebidas previamente pela consciência. O juízo nos faz ver somente o determinado e pré-concebido, e deixa passar aquilo que poderíamos ter observado a mais. Então, a suspensão dos juízos nos possibilita ver e apreender as experiências vividas; e abre espaço para a atenção atuar em novos ângulos (MERLEAU-PONTY, 2018).

A sensação não é sentida e a consciência é sempre consciência de um objeto. Chegamos à sensação quando, refletindo sobre nossas percepções, queremos exprimir que elas não são absolutamente nossa obra. A pura sensação, definida pela ação dos estímulos sobre nosso corpo, é o ‘efeito último’ do conhecimento, em particular do conhecimento científico, e é por uma ilusão, aliás natural, que a colocamos no começo e acreditamos que seja anterior ao conhecimento. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 66)

O duelo entre a experiência vivida e a representação do mundo nos faz perceber que a ciência

traz de modo equivocado como expressão primeira as representações, por exemplo a ideia de criança ideal como parâmetro para medir como a criança deve viver, agir, pensar; e a experiência vivida seria a expressão segunda, ou seja, a criança sendo no mundo, antes de qualquer juízo.

Merleau-Ponty (2018) propõe o inverso, a experiência vivida como primeira expressão e a representação do mundo como segunda expressão, já que a experiência dos fenômenos é a explicitação ou o esclarecimento da vida pré-científica da consciência. Dessa forma, a existência precede a consciência de modo que meu corpo tem intencionalidade, é um corpo movente.

O conteúdo sobre a pirâmide alimentar, tem como objetivo ensinar as crianças a alimentação correta. Na regência do estágio supervisionado, pedimos para as crianças desenharem suas pirâmides, de acordo com o que elas tinham em casa, e foi possível perceber que em algumas pirâmides não tinham a presença de frutas e legumes. Resolvemos perguntar sobre essa ausência, a resposta de uma das crianças foi que a mãe disse que eram muito caras e não dava para comprar. Em outras pirâmides, tinha apenas o pão e refrigerante, as respostas sobre as ausências estavam no preço alto dos produtos, ou por falta de conhecimento dos pais em não saber o que era saudável. Pela representação da pirâmide, vemos uma vida parada no tempo e quando vemos as pirâmides que cada criança desenhou, percebemos a vida vivida. Portanto, a representação da vida saudável não se encaixa na vida de quem não pode ter todos os itens, é necessário saber o que compõe a pirâmide alimentar, mas também é importante olhar para o que os estudantes trazem sobre o mundo vivido a partir de suas produções que revelam a vida.

Conforme o pensador francês, o corpo não é um objeto, o corpo é mutável, ele tem interior e expressividade, ele é o nosso meio de comunicação com o mundo. Enquanto os objetos precisam do auxílio do meu corpo para serem transportados, o corpo se move diretamente. Assim, “ser uma consciência, ou, antes ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 142).

Então, a corporeidade “[...] é de algum modo a matéria sensível por meio da qual se apreende o si-mesmo ou outrem. Mas o sensível puro num sentimento constitui somente uma pequena camada deste” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 36). Dessa forma, numa experiência de dor eu sinto toda a intensidade, mas o outro não, pois apenas comunico a dor que estou sentindo. Assim, o outro tem a representação da dor, mas não a vivência.

O corpo criança não deixa de viver um instante, até mesmo nos “exercícios para a mente” se percebe a criança que brinca em meio a cópia de um texto, o movimento dos braços e pernas inquietos, as conversas paralelas; é o ser criança que está vivendo mesmo com as normas de um modelo de representação de um aluno ideal, um aluno sem emoções, apenas com o papel de sentar na cadeira, obedecer o professor e copiar do quadro o mais rápido possível, com a letra “bonita”, e perguntar o mínimo possível sobre o conteúdo que está sendo repassado. Ao invés de percebermos a heterogeneidade que é uma sala de aula com crianças que deixam à mostra suas singularidades.

A corporeidade transborda o corpo organismo para demonstrar suas expressões. Apesar da moral o corpo expressa suas dores, suas alegrias, seus anseios. Estabelecemos relações que nos permitem ir além de um simples andar, mas de ir para onde quisermos. De um simples falar, mas de dialogarmos sobre qualquer conteúdo. De um simples olhar, mas enxergarmos além do que os olhos possam querer nos mostrar.

Portanto, nos comunicamos com o mundo por meio da experiência vivida a partir do nosso

corpo que se direciona e explora o entorno. Esse movimento nos possibilita olhar a ciência como expressão segunda que objetiva e transforma as vivências em dados sem expressividade.

As pesquisas em Educação em Ciências a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty

Utilizar a fenomenologia nas pesquisas em Educação em Ciências é sair da zona de que tudo já está pré-determinado. A fenomenologia por meio da experiência do corpo como campo criador nos permite desvelar a experiência da vida, como também refletir sobre o irrefletido. Um corpo imóvel é um corpo que não cria.

Qual seria a natureza das experiências escolares que as crianças são submetidas no processo de escolarização, mediante o entendimento de que somos corpos que percebemos, temos intencionalidade em nossas ações que nos permite ir além da mera reprodução, e talvez chegar a uma criação.

Desse modo, é preciso que o corpo se dirija ao mundo com intencionalidade do movimento. A motricidade e o sentir estão presentes no corpo. O corpo jamais será um objeto, pois ele tem expressividade. O corpo se modifica conforme suas experiências com o outrem no mundo e demonstra a sua intencionalidade, ou seja, faz escolhas mediante um conhecimento.

Conforme Merleau-Ponty (2006, p. 174)

[...] cada cor determina uma atitude de nosso corpo, prepara uma atividade ou inatividade motora. Há um elo essencial entre ‘sentir’ e ‘assumir’ uma atitude diante do mundo exterior; todo movimento se desenrola sobre um fundo perceptivo, e toda sensação implica uma exploração motora ou uma atitude do corpo.

Nas pesquisas em educação em ciências podemos ver o corpo como unidade e não como a soma de partes. Para Merleau-Ponty, existe um esquema corporal que “[...] não pode reduzir-se a uma soma de sensações; ele engloba: - a consciência de nosso corpo no espaço, - a unidade abarcadora de todos os dados sensoriais” (2006, p. 183). O médico pode trabalhar com as partes do corpo, pois se especializou em um órgão que não carrega expressividade e sim funções, o que difere da vida em si. A vida não é mensurável.

Pesquisar o corpo na área de Educação em Ciências é ir além das funções e perceber suas possibilidades de expressão, que vão além de um corpo mecânico. O filósofo nos mostra que o corpo pode ser compreendido nas suas inúmeras formas de se expressar, pois partimos de uma realidade, da imanência, da facticidade, ao invés de partir de um pré-juízo.

Ao pesquisarmos sobre determinado fenômeno em que observamos, descrevemos e interpretamos, é necessário compreender que “o campo perceptivo vivenciado é habitado por todas as espécies de relações, é percorrido por linhas de força, por vetores, [...] mas para apreendê-los é preciso tomar o mundo exterior tal qual ele é dado” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 199).

O corpo está no mundo e ao estar no mundo, está envolvido em relações com outros corpos que interagem uns com os outros. Dessa forma, estar no mundo é viver todo tipo de experiência, e para a pesquisa é interessante ressaltar não só o fenômeno, mas também o que seu corpo abarca no espaço em que está inserido.

Conforme Merleau-Ponty (2018) a redução fenomenológica cumpre o papel de buscar as essências e não a definir. O ser criança está no mundo sendo afetado a todo instante, seu viver

é mutável, não está definido. Ao fazermos uma pesquisa é preciso buscar as aproximações ao invés de determinações.

A redução eidética é “[...] a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos, é a ambição de igualar a reflexão à vida irrefletida da consciência. Eu visio e percebo um mundo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 13). Trata-se de não reduzir o mundo, mas conhecer a vida na forma como ela se realiza, pois o conceito será produzido mediante a existência.

A fenomenologia é uma perspectiva aberta, não é fechada. Dessa forma, o ser jamais será o mesmo sempre, mas um inacabamento dele. É possível fazer as aproximações, mas não os definir a ponto de tomarmos como representação para outro ser. Jamais enquadrar num tempo, mas deixar em aberto.

Considerações Finais

O objetivo do artigo foi compreender a fenomenologia de Merleau-Ponty como abordagem teórico-metodológica para as pesquisas em Educação em Ciências. A fenomenologia poderá ser utilizada como uma abordagem que retorna as coisas mesmas antes de qualquer juízo do pesquisador que vai a campo observar e descrever o fenômeno. De modo que as pesquisas possam estudar o desconhecido, ao invés de apenas colher dados já existentes e muitas vezes já pesquisado, podemos por meio da fenomenologia, demonstrar um fenômeno a partir da sua existência que é única e não é fechada e parada no tempo.

Dessa forma, a pesquisa se preocupará muito mais com o vivido do que a representação. Merleau-Ponty nos desafia a não enquadrarmos a vida, o mundo, o fenômeno, mas deixar eles serem percebidos em sua essência por meio da redução fenomenológica. No entanto, é uma tarefa que exige compromisso com o ser na imanência e não o ser da representação que se aplica em qualquer tempo sem considerar a facticidade do tempo vivido.

Pesquisar é muito mais que apenas reproduzir e repetir, mas a partir da fenomenologia se aproximar do que não está visível aos olhos. Quando consideramos o corpo como veículo de ser no mundo, compreendemos que ele é um corpo que percebe, que tem intencionalidade. Por isso não podemos utilizar as representações, mas as experiências que o nosso corpo se propõe a vivenciar.

A fenomenologia detalha com profundidade a vida na sua intensidade, e não se reduz a isso, pois nos faz perceber o corpo nas suas várias interpretações, expressões, existências. Olhar a vida pela lente fenomenológica é se ater aos detalhes não com mera descrição, mas para mostrar a potência da vida do corpo que está no mundo.

Agradecimentos e apoios

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM.

Referências

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



**XIV
ENPEC**

Caldas Novas - Goiás

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corporeidade**: inspirações merleau-pontyanas. Natal: IFRN, 2016. 307 p. il color. E-book.

ZILLES, Urbano. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XIII (2). jul-dez, 2007, p. 216-221.

